

# CONSTRUÇÃO DE RECURSOS DIDÁTICOS PARA A OPÇÃO ARTÍSTICA DE CINEMA NO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Pedro José Félix Baptista Neves<sup>1</sup>

**Resumo:** Na sequência da experiência iniciada em 1997 no Algarve com o programa JCE, começou no ano letivo 2004/2005 um projeto do ensino do cinema no 3º ciclo do ensino básico, através de uma disciplina de opção artística. Daí resultou a necessidade de refletir sobre as práticas pedagógicas e sobre os materiais entretanto construídos. Tomou-se então consciência de que o percurso da disciplina poderia ser sustentado por um modelo de manual que sistematizasse o trabalho realizado. A proposta que pretendo apresentar centrou-se na realização de vários cadernos temáticos relacionados com os conteúdos da disciplina e os anos letivos a que se destinam. Não sendo um manual no sentido tradicional, pretende-se que funcione como um elemento de apoio ao trabalho dos professores, procurando cumprir a vocação transversal da disciplina e contribuindo para as aquisições das competências específicas, nomeadamente: a apropriação das linguagens elementares; o desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação, o desenvolvimento da criatividade; e a compreensão das artes no contexto. Desta forma, caberá a cada professor explorar e construir as respetivas tarefas de carácter prático e teórico, bem como os seus critérios de avaliação, que os cadernos não contemplam. Apesar de não ser ainda um projeto acabado, já começou a ser testado fornecendo fotocópias aos alunos. Esta será uma base de trabalho para um trabalho de investigação sobre o processo de construção de manuais e a inserção do cinema na escola, tal como a reflexão sobre o ensino artístico nos sistemas educativos modernos, que está a ser desenvolvida na Universidade do Algarve.

**Palavras-chave:** literacia fílmica, cinema na escola, manuais escolares, recursos didáticos

**Email:** cinemano3ciclo@gmail.com

## Porquê um caderno de cinema?

No ano letivo 2004/2005 a escola E. B. 2,3 de Quarteira tomou a iniciativa, em conjunto com a escola E. B. 2,3 Joaquim Magalhães em Faro, de iniciar um projeto de ensino do cinema como opção artística para o 3º ciclo. Vários fatores convergiram para este propósito, como uma abertura legislativa para a introdução de outras áreas artísticas optativas, o projeto regional JCE (Juventude-Cinema-Escola) em que estas escolas estavam envolvidas, formação de professores nesta área, participação em concursos, outras experiências escolares com recurso ao vídeo, e o interesse das direções

---

<sup>1</sup> Professor de Cinema no Agrupamento Vertical Dra. Laura Ayres, Quarteira

das escolas em projetos inovadores. Quando se começou a trabalhar na construção de uma disciplina de cinema, a primeira preocupação foi a redação de um programa da disciplina, seguida da criação de recursos para o trabalho com os alunos. Desde então têm vindo a ser feitos diversos textos, fichas de trabalho, DVD's temáticos, planificações e outras propostas que têm sido alteradas ou até abandonadas. Estes anos têm sido caracterizados por uma necessidade de constante reflexão sobre o percurso da disciplina, por um apelo para a necessidade de reconhecimento da vertente audiovisual e da linguagem cinematográfica nos currículos escolares, e por melhorar o ensino artístico para que o cinema deixe de ser olhado com estranheza e passe a ser visto como uma necessidade na formação dos alunos.



Imagem 1

Contrariamente ao que acontece em outros países em que já há uma vasta experiência no ensino do cinema, em Portugal a formação de professores nesta área é residual, o investimento esporádico e são escassos os recursos, como manuais, outras publicações especializadas, ou edições em vídeo/DVD destinadas especificamente ao ensino do cinema para esta faixa etária. Há exceções como a coleção “Os Filmes na Escola” de 1991, por iniciativa do Ministério da Educação de Roberto Carneiro, o kit “IndieJúnior” inserido no “Programa escolas” do Festival IndieLisboa, o projeto *Teaching With Animation* onde participou a Ciclope Filmes criada por Abi Feijó e que também produziu uma caixa com material didático baseado no filme de Regina Pessoa *História trágica com final feliz* <sup>(imag.1)</sup>. Destaca-se também a ação de alguns Cineclubes, como por exemplo Avanca, Viseu ou Faro, mas cuja produção é ainda muito

reduzida comparada com a excelência de outras iniciativas, onde se destaca a ação do grupo Comunicar em Espanha, o British Film Institute em Inglaterra, ou os projetos franceses promovidos pelo Centre National du Cinéma et de l'Image Animée (*École et cinéma*, *Collège au cinéma* e *Lycéens au cinéma*) e *Le Cinéma, cent ans de jeunesse* da Cinémathèque Française, em que também estão envolvidas escolas portuguesas a partir da ação da associação Filhos de Lumière. No projeto das escolas do Algarve, os alunos e professores têm-se socorrido de material fotocopiado elaborado nas escolas e de um blog criado exclusivamente para apoio à disciplina<sup>2</sup>. As bibliotecas escolares têm adquirido alguns livros aconselhados pelos docentes, mas o número de volumes sobre cinema ainda é muito reduzido.

A proposta de cadernos de cinema, apesar de se aproximar de um manual escolar, não se enquadra completamente nesse conceito, porque a opção foi construir um recurso didático direcionado para um público mais abrangente. Desta forma, pretende-se que os cadernos não se destinem apenas aos alunos, e conseqüentemente, ao trabalho de uma disciplina, mas a um público mais alargado, apreciador ou curioso de cinema, que pode incluir também outros agentes da ação educativa como os professores de outras disciplinas e os pais dos alunos. Por isso, assumindo que não se trata de um manual, tenderá a ser um recurso pedagógico de apoio ao trabalho com os alunos de cinema, com a propósito de fornecer a informação básica para cumprir os objetivos a que se destina – promover a literacia fílmica nos alunos do ensino básico.

De acordo com as diretrizes da Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC) para os critérios de apreciação de manuais<sup>3</sup>, os cadernos foram pensados para ter uma estrutura coerente e funcional, relacionando-os com o programa da disciplina e com as planificações. Dada a vocação transversal da disciplina, teve-se em consideração a contextualização dos temas tratados em diferentes áreas do saber de forma a estimular o interesse dos alunos e a participação dos

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.cinemano3ciclo.blogspot.com/>

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.dgdc.min-edu.pt/manuaiscolares/Paginas/criterios.aspx>

professores. Algumas informações contidas nos cadernos poderão ser usadas pelos professores de cinema e das restantes disciplinas de forma a promover atividades interdisciplinares, assim como devem permitir encontrar estratégias diversificadas de acordo com as características de cada grupo/turma. Quanto ao texto e ilustrações, contendo mais informação do que é possível trabalhar com o reduzido número de aulas disponíveis, foi pensado para ser acessível a diversas faixas etárias, com rigor na pesquisa e com correção científica. Procurou-se evitar quaisquer situações de discriminação de género, etnias, religiões ou em relação a inferioridades físicas ou intelectuais. O formato foi pensado para ter uma orientação horizontal por influência da posição dos fotogramas na película e no tamanho B5, segundo a norma *ISO 216*, e também porque permite distinguir os cadernos de cinema dos restantes manuais onde predomina a página organizada na vertical.<sup>4</sup> No entanto, como funciona ainda de uma forma provisória com recurso a fotocópias, mantém-se o formato A4.

### **Descrição dos cadernos**

Os cadernos de cinema já aplicados numa fase experimental estão divididos em *Brinquedos Óticos*, *Animação* e *Cinema Mudo*. Está em fase de preparação o caderno e *Documentário*, que depois de concluir algumas partes ao nível da paginação, serão revistos e, possivelmente propostos para publicação.

O primeiro caderno aplicado foi sobre o chamado *pré-cinema*, que corresponde a um conjunto de instrumentos, processos ou invenções que contribuíram para o aparecimento do cinema. É também o mais pequeno, constituído por apenas 18 páginas. Depois de uma pequena introdução, as primeiras páginas apresentam as *sombras chinesas* ou *marionetas de sombras*, como um dos espetáculos mais ancestrais onde imagens em movimento contando histórias são projetadas sobre uma tela. Seguem-se a *Câmara Escura* e a *Lanterna Mágica* que deram origem respectivamente às câmaras ou máquinas fotográficas, depois às câmaras de filmar e aos projetores. A partir daqui são

---

<sup>4</sup> O formato horizontal terá também alguma afinidade com os cadernos “Lycéens et apprentis au cinéma”, disponíveis para consulta em:

<http://www.cnc.fr/Site/Template/T8.aspx?SELECTID=3470&ID=2434&t=3>

referidos um conjunto de ‘brinquedos’ ou instrumentos que contribuíram para a perceção do movimento e que em alguns casos se mantiveram depois de o cinema já ter dado os primeiros passos: o *taumatrópio*, o *fenacistiscópio*, o *zootrópio*, o *praxinoscópio* com a referência a Émile Reynaud e às suas Pantomimas Luminosas como sendo as primeiras projeções públicas de “desenhos animados de longa duração e complexas narrativas” (Robinson 1996, 141). O caderno termina com o *flip-book* e o *mutoscópio*. A estrutura destes cadernos foi concebida para que a informação de cada objeto ou tema se apresentasse em página dupla (par/ímpar) com uma breve descrição de cada um seguido do respetivo enquadramento histórico. Na metade exterior de cada página ímpar surge a indicação de um esquema, de uma ‘proposta de execução’, ou uma ilustração complementar <sup>(imag. 2)</sup>. Em alguns casos pode construir os ‘brinquedos’ de forma desenvolver os seus conhecimentos e a explorar as potencialidades desse instrumento.

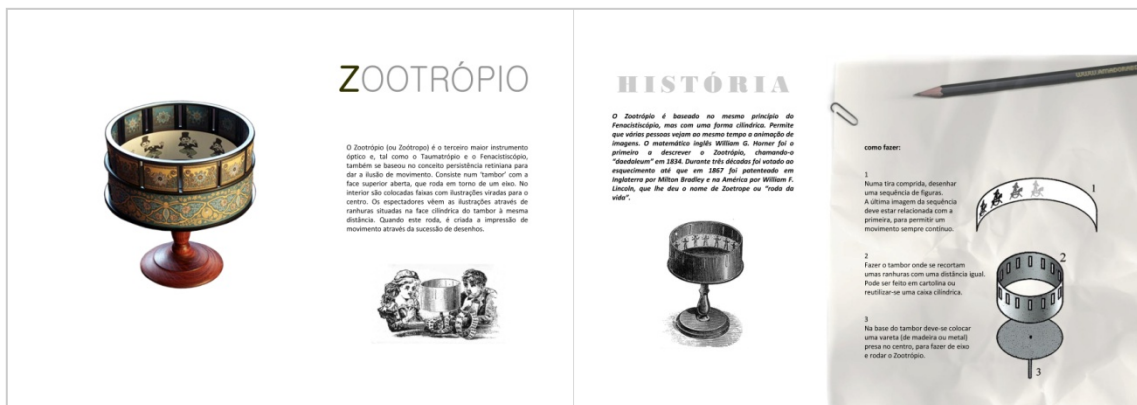


Imagem 2: Ilustração de uma página do caderno *Pré-cinema*

Para complementar a informação destas páginas em contexto de aula, pode ser proposto aos alunos o visionamento de excertos de alguns filmes incluídos na coleção de DVD's *Media Magica* (2004) da autoria de Werner Nekes<sup>5</sup>, ou o filme dos estúdios Disney *The Story of the Animated Drawing*, um episódio do programa de televisão Disneyland de 1955, em que o próprio Walt Disney apresenta a evolução da animação a partir das imagens pré-históricas

<sup>5</sup> Informação sobre o realizador e colecionador Werner Nekes em: <http://www.wernernekes.de>

das grutas de Lascaux até às longas-metragens de sucesso dos estúdios Disney na década de 1940. Para complementar a importância destas invenções que antecederam o início do cinema também se pode fazer uma chamada de atenção para a influência que o pré-cinema tem tido em diferentes manifestações artísticas mais recentes. Como exemplo, podem ser propostos para visionamento filmes de animação de recortes de Lotte Reiniger, ou de Michel Ocelot, cuja referência às sombras chinesas é óbvia, tal como as instalações da artista norte-americana Kara Walker. Relativamente ao *fenacístiscópio* e *zootrópio* é aconselhável o videoclip para a música *Crosses* do grupo Zero 7. Outros vídeos poderão ser pesquisados ou sugeridos pelos alunos tal como aparelhos óticos com carácter didático relacionados com a imagem em movimento. Com o pequeno caderno *Brinquedos Óticos* pretende-se introduzir uma dimensão histórica e simultaneamente didática numa primeira abordagem ao fenómeno cinematográfico.

O segundo caderno referente ao programa do 7º ano de escolaridade, centra-se nos meios expressivos que contribuem para a ilusão de movimento em conjunto com a perspectiva histórica do cinema de animação. É constituído por vários capítulos, a saber: processo de execução; técnicas tradicionais; computador; técnicas experimentais; banda desenhada e cinema. Deste caderno fazem ainda parte um apontamento sobre festivais de animação, uma listagem cronológica dos filmes citados ao longo do manual, um pequeno glossário e a informação bibliográfica. A distinção entre técnicas tradicionais, computador e técnicas experimentais resultou da opção de agrupar os diferentes meios expressivos. Assim, considerou-se como tradicionais as técnicas mais ancestrais na história do cinema de animação, aquelas que os primeiros animadores utilizaram na realização dos seus filmes, apesar de ainda hoje estarem presentes em filmes de autor ou com carácter mais experimental. É o caso do desenho, da animação de volumes, vulgarmente designada por stop-motion e os recortes. Foi ainda incluída nesta secção a rotoscopia, que apesar de não ser uma técnica como as restantes, é sobretudo um método auxiliar que permite aos animadores a reprodução do movimento em desenho a partir do registo da imagem real. O CGI (Imagem gerada por computador) merece um capítulo à parte por ser



Neste caderno estão ainda incluídos dois capítulos direcionados para o conhecimento da linguagem cinematográfica e das atividades relacionadas com o cinema de animação. O primeiro descreve sucintamente o processo de execução de um filme, tendo como referência o filme *Persepolis* (2007) de Marjane Satrapi e Vincent Paronnaud. No final do caderno um outro capítulo relaciona a animação com a banda desenhada fornecendo informação sobre a escala de planos e a angulação. Termina com um exemplo de uma página de um guião do filme *Toy Story* (1995) dos estúdios Pixar traduzida para português e uma informação sucinta sobre como redigir um guião cinematográfico. Os filmes citados ao longo do caderno estão ordenados por décadas, para os estudantes terem uma perspetiva cronológica da evolução da animação mundial. Nesta lista são referidas também as técnicas, autores e metragem.

A proposta de caderno referente ao cinema mudo, centra-se nas personalidades, filmes, acontecimentos e linguagem do cinema das primeiras três décadas do cinema e corresponde ao período em que se criou a linguagem do cinema. Os cinco capítulos que constituem este caderno fornecem informação sobre a história da fotografia, o primeiro cinema, a forma como se desenvolveu com a criação dos grandes estúdios e o nascimento do *star system*, os filmes que ficaram na história da sétima arte e que se tornaram filmes de culto e ainda a importância da montagem na última fase da construção do filme, aquela que para Martin “constitui o elemento mais específico da linguagem fílmica” (2006, 167), ou, como refere Deleuze, a filosofia do cinema associada à sua técnica, a imagem do tempo (Deleuze 2009, 53-91).

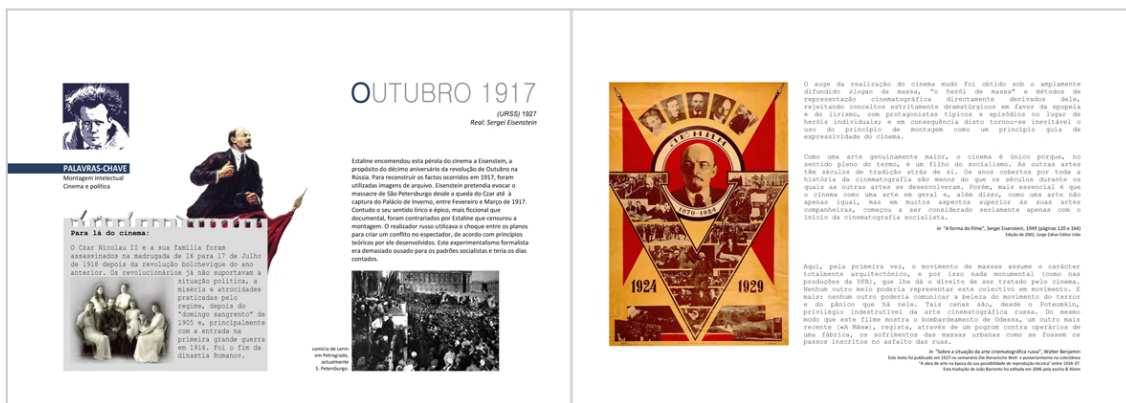


Imagem 4: Ilustração de uma página sobre o filme *Outubro 1917* do caderno *Cinema Mudo*

Para complementar a informação escrita, um conjunto de imagens ajuda a contextualizar através de retratos das personagens mais significativas (fotógrafos, realizadores, atores), fotogramas de filmes, cartazes, locais, e outras ilustrações. Na relação com as personalidades citadas, não poderiam deixar de se valorizar também algumas profissões envolvidas na atividade cinematográfica: argumentista, fotógrafo, realizador, ator, montador. A correspondência que o cinema começou por estabelecer neste período com outras áreas do conhecimento está presente com as chamadas de atenção para alguns textos literários, quando se analisa a importância da fotografia para o surgimento das primeiras experiências com imagens em movimento, com as artes visuais nas referências a pinturas e cartazes, ou ainda no enquadramento histórico e geográfico. Tal como acontece com o caderno de animação, no final é apresentada uma cronologia cinematográfica baseada nos filmes citados ao longo das cerca de 60 páginas.

Outro caderno aborda o género documental na sua evolução, nos seus conceitos mais significativos e modos como se manifesta. Apesar do maior fascínio dos jovens pelos filmes de ação, e pela maioria dos géneros ficcionais em comparação com os documentais, por ter menor distribuição e ser conotado com cinema de autor, é fundamental dar a conhecer este género, até porque está mais acessível a pequenas experiências que eles por vezes realizam em diversos contextos extraescolares. Atualmente há grande facilidade em aceder a dispositivos de gravação de imagens em movimento e registar as situações do quotidiano a qualquer hora e em qualquer lugar. O caderno sobre o documentário contribui para o conhecimento da história e linguagem cinematográfica e pode ajudar a desenvolver um sentido mais crítico sobre a imensa quantidade de informação audiovisual que é absorvida diariamente.

### **Exemplos de aplicação dos cadernos**

Foi já referido que não se tratando de um manual comum, tal como ele é concebido e aplicado nas várias disciplinas, a utilização destes cadernos deve visar a aquisição de conhecimentos da área do cinema, mas numa perspetiva transversal, e permitir ainda que a informação nele contida possa ser usada na

construção de mais recursos didáticos com caráter prático, de acordo com os objetivos de cada professor e de cada grupo de alunos. As propostas de trabalho que a seguir apresento, resultaram de articulações entre várias disciplinas decididas em concelhos de turma, devidamente registadas nos respetivos projetos curriculares. Neste trabalho interdisciplinar as iniciativas têm partido da disciplina de cinema, que tem preferido como parceiras prioritárias a língua materna e as restantes expressões artísticas.

O primeiro dos exemplos tem como base o caderno de animação, com sugestões em parceria com as disciplinas de Educação Visual e Língua Portuguesa, propondo-se que, os alunos elaborem um pequeno guião que pode ser transferido num storyboard e posteriormente numa tira de banda desenhada. Ou ainda quando os alunos após o visionamento de um filme de animação<sup>6</sup>, têm que caracterizar uma personagem, descrever o cenário e fazer um resumo. Para o conhecimento mais aprofundado das técnicas de animação sugere-se que os alunos tenham acesso a diversos filmes, sobretudo curtas-metragens, e procurem executar pequenos exercícios, nomeadamente com a técnica de pixilação desenho ou stop-motion. Seria aconselhável que os alunos tivessem acesso ao filme *Animando* do brasileiro Marcos Magalhães, realizado em 1983 durante um estágio no NFB/ONF do Canadá.

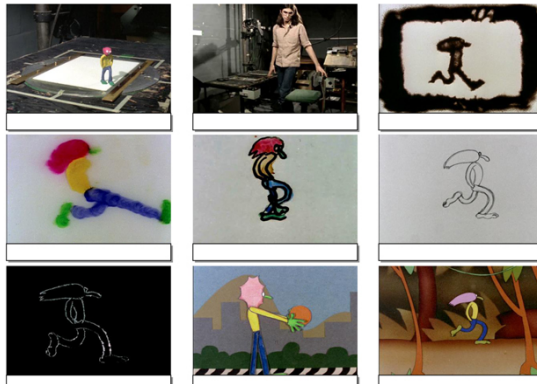
E.B. 2,3 de Quarteira nº2  
Agrupamento  
Pedro do Mar  
de Quarteira

| c | i | n | e | m | a |

Pedro Félix

**Ficha de trabalho**  
Técnicas de animação

1. Visiona o filme do realizador brasileiro Marcos Magalhães "Animando", feito em 1987 na National Film Board (Office National du Film do Canadá). Este filme está disponível em: [http://www.nfb.ca/film/animando\\_english](http://www.nfb.ca/film/animando_english)
2. Por baixo de cada fotograma, indica a técnica respectiva.
3. Além das técnicas de apresentadas no filme, há outras que são utilizadas por realizadores de animação. No retângulo de baixo, escreve as que conheces.



<sup>6</sup> A opção tem recaído no filme australiano *Local Dive* de Sarah Watt.



**Proposta de trabalho final**

**DOCUMENTÁRIO POÉTICO**

**CINEMA**

A partir do filme "Manhatta" (1921) de Paul Strand e Charles Sheeler, os alunos devem realizar um pequeno vídeo com uma estrutura semelhante.

**LÍNGUA PORTUGUESA**

No âmbito do estudo da LINGUAGEM NARRATIVA e da LINGUAGEM POÉTICA, propõe-se que seja construído um texto com um tema escolhido pelos alunos.

**LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

Tradução dos textos elaborados em L. P.

**ÁREA DE PROJECTO**

Os temas definidos nesta área curricular podem servir de base para este trabalho. Além disso, a Área de Projecto no 8º ano está vocacionada para as Tecnologias de Informação e Comunicação, podendo os alunos desenvolver a edição em vídeo.

**Trabalho realizado numa possível articulação entre as disciplinas de Cinema, Língua Portuguesa, Línguas Estrangeiras e Área de Projecto.**



No filme "Manhatta", as estrofes do poema "Leaves of Grass" de Walter Whitman são ilustradas com imagens da actividade urbana em Nova Iorque.

Este filme influenciou o cinema experimental na Europa dessa década.

foto gramas de Manhatta

O trabalho será executado em grupo e apresentado no final do ano em data a definir.

O filme não deverá ter mais de 5 minutos e menos de 3 minutos.

Cada trabalho deverá ser acompanhado de uma memória descritiva (um pequeno texto que justifica as opções tomadas).

**Para consultar:**

Caderno Documentário

(capítulo VANGUARDAS)

e

Caderno Cinema Mudo

(capítulo MONTAGEM)

Imagens 5 e 6: Proposta de atividades para o 7º e 8º ano.

Mas é no oitavo ano que o sentido transversal se deve manifestar com maior intensidade relacionando o cinema com as outras disciplinas do currículo, através de pequenos exercícios. Pode ser proposto aos alunos a construção de um documentário poético envolvendo a língua materna, depois do visionamento do filme *Manhatta* (1921) de Paul Strand e Charles Sheeler e leitura de estrofes do poema *Leaves of Grass* de Walter Whitman. Uma outra sugestão parte do visionamento do filme *Nosferatu* (1922) de F. W. Murnau. Este filme permite uma grande articulação com outras áreas, nomeadamente na literatura com a óbvia referência ao livro *Drácula* (1897) de Bram Stoker, nas artes plásticas com o movimento expressionista, nas citações em filmes mais recentes que utilizam enquadramentos e iluminação semelhante ao filme de Murnau, ou ainda nas referências com a música, bem expressas nos temas, no ambiente visual e até sonoro dos telediscos dos chamados grupos góticos dos anos 80 do século passado. Nos conteúdos da Língua Portuguesa que se referem à leitura e escrita, deve ser proposto aos alunos que desenvolvam práticas de escrita, respeitantes a situações específicas, e que tomem consciência da necessidade de compreender as normas de construção de determinados textos.

Depois de tomarem conhecimento da obra cinematográfica e da obra literária, é possível a transposição de um excerto do livro para guião, para o qual pode ainda ser consultado o capítulo do caderno de animação (7º ano)

sobre Banda Desenhada e Cinema. Ainda sobre este projeto abrangente, os alunos podem recorrer à Educação Visual para uma ilustração de um cartaz, uma capa de DVD, ou uma t-shirt. Ora, este modo de funcionar interdisciplinar deve ir ao encontro da necessidade de combater algumas fragilidades que o nosso sistema de ensino em geral e a escola em particular não têm conseguido dissipar, como seja o princípio da redução (Morin 2002, 46-47) que levou à compartimentação dos saberes, à primazia dos problemas técnicos e particulares em detrimento da novidade e da invenção, e, numa outra perspetiva, as lacunas que os nossos alunos têm demonstrado, como tem sido sistematicamente expresso em testes nacionais e internacionais. Estas dificuldades situam-se “ao nível da capacidade de desenvolver raciocínios mais complexos, na resolução de problemas, especialmente quando têm de aplicar conhecimentos adquiridos a situações menos usuais” (Justino 2010, 75). O relatório recente do GAVE (Gabinete de Avaliação Educacional do Ministério de Educação) coordenado por Helder Diniz de Sousa em 2010, quando se refere à língua materna e à matemática também confirma estes dados.

Os jovens vêm a escola atual como um espaço de imposições, com um sistema demasiado hierarquizado, onde o saber está fragmentado e é muito menos apelativo do que a realidade para lá dos muros da instituição, provocando tensões, indisciplina e insucesso. Como o cinema é visto pelos alunos sobretudo como entretenimento, a criação de uma nova área curricular centrada na linguagem fílmica trouxe uma certa estranheza e descentramento (Martín-Barbero 2003, 19), porque isso implica novos conteúdos, novas competências a adquirir, outras atividades a realizar e mais momentos de avaliação. O trabalho a efetuar com a disciplina de cinema e os recursos didático-pedagógicos que lhe estão associados, poderá e deverá dar um contributo importante na criação de um novo paradigma de escola, mais democrática, inclusiva e apelativa.

## BIBLIOGRAFIA

- António, L. coord. 1998. *O Ensino, o Cinema e o Audiovisual*. Porto: Porto Editora.
- Amar, P. J. ed. 2007. *História da Fotografia*. Lisboa: Edições 70.
- Baker, J. E P. Toland. 2007. *Teaching 661inema661 GCSE*. Londres: British Film Institute.
- Bergala, A. 2006. *L'hypothèse cinema*. Paris: Petite bibliothèque des Cahiers du Cinéma.
- Breschand, J. 2002. *Le Documentaire. L'autre face du 661inema*. Paris: Cahiers du Cinéma/Les Petits Cahiers, SCÉRÈN-CNDP.
- Calado, I. 1994. *A utilização educativa das imagens*. Porto: Porto Editora.
- Capucho, C. 2008. *Magia, Luzes e Sombras*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Deleuze, G. 2009. *Cinema 1. A Imagem-movimento*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Génin, B. 2005. *Le Cinéma d'Animation*. Cahiers du Cinéma/Les Petits Cahiers, SCÉRÈN-CNDP.
- Justino, D. 2010. *Difícil é Educá-los*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Lobo, M. G. 1999. "Formação de público para o cinema." Tese de Mestrado, Universidade do Algarve.
- Marie, M. 2005. *Le Cinéma Muet*. Paris: Cahiers du Cinéma, SCÉRÈN-CNDP.
- Martin, M. 2005. *A Linguagem Cinematográfica*. Lisboa: Dinalivro.
- Martín-Barbero, J. 2008. "Saberes hoje: Disseminações, competências e transversalidades." In *Comunicação e História — interfaces e novas abordagens*, coordenado por Ana Paula Goulart Ribeiro e Micael Herschmann. Rio de Janeiro: Editora Mauad.
- Morin, E. 2002. *Os sete saberes para a educação do futuro*. Lisboa: Instituto Piaget.
- McLuhan, M. 1972. "Classroom without walls." In *Explorations in Communication*, coordenado por Edmund Carpenter e Marshall McLuhan. Boston: Beacon Press.

- Newman, J. E R. Stafford. 2002. *Reading Films. Key concepts for analysing film and television*. Londres: British Film Institute.
- Prats, L. 2005. *Cine para educar*. Barcelona: Belacqva de Ediciones y Publicaciones S. L.
- Reia-Baptista, V. 2002. “A Pedagogia dos media. A dimensão pedagógica dos media na Pedagogia da Comunicação: o caso do cinema e das linguagens fílmicas.” Tese de Doutoramento, Universidade do Algarve.
- Robinson, D. 1996. “Acerca de uma classe particular de ilusão óptica — A evolução do movimento cinematográfico.” In *A Magia da Imagem — A arqueologia do cinema através das colecções do Museu Nacional do Cinema de Turim*. Lisboa: Centro Cultural de Belém.
- Sánchez, E. 2002. *Aprender con el Cine, aprender de película — Una visión didáctica para aprender e investigar com el cine*. Huelva: Grupo Comunicar Ediciones.